

A educação científica nas ciências humanas: experiências do Núcleo de Estudos em História e Memória (NEHM Jr.) do IF Baiano, Campus Catu - BA

Marcelo Souza Oliveira¹

Resumo

Neste artigo, discuto a minha experiência na orientação de alunos do IF Baiano, uma escola de Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio no Campus Catu (BA), em pesquisas de Iniciação Científica Júnior que compõem o Núcleo de Estudos em História e Memória (NEHM Jr.). O grupo tem se desenvolvido, a partir da afinidade de discentes para com as ciências humanas. O grupo tem discutido textos periodicamente, além dos textos dos livros didáticos do Ensino Médio. Esses textos são oriundos das pesquisas desenvolvidas pelos próprios alunos sobre a História de Catu e da Bahia dentro de um contexto histórico mais amplo. Os alunos desenvolvem projetos, a partir de determinados problemas, e utilizam fontes coletadas dos arquivos públicos e privados, revisão bibliográfica pertinente e teoria da história, para construir suas reflexões e interpretações do passado. Assim, aplica-se a pesquisa em ciências humanas, como processo educativo, utilizando a função social da ciência, para promover a cidadania e o enlevo intelectual dos alunos, demonstrando que eles podem romper o tabu de que educação científica é apenas feita com ciências exatas ou naturais.

Palavras-chave: Pesquisa. Educação científica. História.

Abstract

In this article, I discuss my experience in helping students of IF Baiano, an Integrated Technical High School educational system in Campus Catu (BA), in Junior Scientific Initiation researches which make up the Center for Studies in History and Memory (NEHM Jr.). The group has been developed, since the students' affinity with the humanities. The group has periodically discussed texts, which are beyond the high school textbooks. These texts come from their own students' developed researches about the history of Catu and Bahia within a broader historical context. Students have developed projects on determined problems and use collected sources from public and private archives, relevant literature reviews and history theory to build their reflections and interpretations about the past. Thus, it applies to human science research, as educational process, using the social function of science to promote the students' citizenship and intellectual delight, demonstrating that they can break the taboo that scientific education is only made with the exact or natural sciences.

Keywords: Research. Scientific education. History.

¹ Doutorando em História Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, Brasil; mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador, BA; professor e coordenador do Núcleo de Estudos em História e Memória (NEHM Jr.) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, Campus Catu, BA. E-mail: historiadormarcelo@bol.com.br
Artigo recebido em 15.03.2012 e aceito em 30.05.2012.

1 Começando a pensar o NEHM Jr.

O presente artigo relata as minhas experiências como professor de história, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, Campus Catu, quando fui desafiado por meus alunos a me tornar orientador de projetos de pesquisa em Iniciação Científica Júnior – IC Jr., na área de Ciências Humanas. Assim, a medida que apresento essas considerações, pretendo discutir acerca da prática de educação científica, aplicada à pesquisa em História.

Como forma de estruturar o relato e análise das minhas experiências, como coordenador e orientador do Núcleo de Estudos em História e Memória (NEHM Jr.), bem como agente e sujeito no processo de ensino e de aprendizagem, apresento o texto em quatro etapas: na primeira, demonstro como ocorreu o processo de criação do NEHM Jr. que por solicitação dos discentes, fez com que eu começasse a teorizar sobre a prática da educação científica, aplicada à História. Dessa forma, a teoria, aqui, é pensada a luz da experiência e não o contrário. Na segunda, relato, pontualmente, as experiências que tive e cotejo com alguns depoimentos coletados dos alunos no processo de desenvolvimento e conclusão de suas pesquisas. Para esse segundo momento, optei por processar uma pesquisa qualitativa de intervenção (GATTI, 2001), por acreditar que os resultados seriam mais sensivelmente compreensíveis e para captar a percepção dos demais sujeitos do processo sobre a filosofia da educação. Por fim, exponho alguns resultados, ainda que preliminares, que obtive com a implantação e consolidação do NEHM Jr.

No ano de 2010, alguns estudantes do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio procuraram-me para discutir a possibilidade de criarmos um grupo de estudos e de pesquisa em história. Eram cerca de seis alunos que afirmavam querer estudar uma área do conhecimento com a qual tinham afinidades. Os argumentos levantados pelos alunos para a criação desse grupo no campus Catu foram: a) o campus já dispunha de outros grupos em área do conhecimento básico e técnico – inseminação artificial, meio ambiente, química, física, matemática; b) a Instituição oferecia bolsas de Iniciação Científica Júnior, em sua maioria para estudantes dessas áreas, já que as mesmas não eram oferecidas nem no campus, nem nos campi da rede e em nenhum grupo da

área de Ciências Humanas.

Entretanto, os alunos insistiram na ideia e me convenceram a, pelo menos, pensar no assunto. Uma pequena pesquisa na internet me levou à conclusão de que, no Brasil, são raros os programas de Iniciação Científica, voltados para o Ensino Médio, visto que poucas instituições oferecem a possibilidade de alunos iniciarem sua vida acadêmica nesse nível de ensino, na área das humanas. Esse contexto me deixou intrigado e comecei, então, a estudar sobre educação científica e sobre os debates travados no Brasil acerca dessa prática. Praticamente todas as produções sobre educação científica que consultei, referem-se apenas à sua aplicação ao ensino de ciências. O termo aqui faz referências às ciências, como sendo matemática, química, física e biologia, logo, excluindo desse escopo, as ciências humanas. É interessante notar que o país tem focado os seus – ainda poucos – esforços na formação de intelectuais que dominem as tais “ciências” e tem relegado as ciências humanas ao esquecimento. Pelo visto, o passado ainda não passou, quando a questão é incentivar a formação de indivíduos que pensem criticamente a realidade social e histórica.

A partir dessas reflexões, comecei a pensar sobre o outro lado dessa história: os historiadores têm, ao longo do tempo, se afastado da população, encerrando-se dentro da academia – nos cursos de história, sobretudo de pós-graduação – ao mesmo tempo em que tentaram tomar para si, a autoridade sobre a escrita do passado. Tentativa malograda, ao que parece, pois no país, atualmente, os livros de história mais vendidos são produzidos por outros intelectuais, sobretudo, os jornalistas e outros estudiosos dos tempos pretéritos. Essa situação talvez ocorra, devido a esse isolamento acadêmico dos historiadores, dessa forma, reconhecer esse fato possibilita estabelecer, como estratégia, para romper com esse prisma, o desenvolvimento do trabalho com a leitura e a escrita de textos de história na educação básica, observando, é claro, o nível cognitivo e intelectual dos discentes, envolvidos no processo.

Todas essas questões, acima elencadas, despertaram uma reflexão sobre as funcionalidades, possibilidades e implicações da formação de um grupo de estudos e pesquisas em história na educação básica. Sob essa égide, resolvi atender à solicitação dos estudantes e criamos o NEHM Jr. – Núcleo de Estudos em História e Memória do IF Baiano Campus Catu. Para os alunos, surgia a possibilidade de estudar a história, agora, como

agentes do processo de pesquisa; para mim, era oferecida a oportunidade de pensar, a partir de experiências práticas, sob a luz da teoria – se é que ela existia – acerca das implicações que a pesquisa histórica pode ter na Educação Básica. Era o início dos trabalhos de um verdadeiro laboratório de investigação histórica.

Apesar de ter seguido um raciocínio intuitivo na constituição do NEHM Jr., a cada reunião, fazia-se necessário a fundamentação teórica para embasar a prática. Dessa forma, apresento, na seção seguinte, a construção do referencial teórico para a solidificação das atividades do NEHM Jr.

2 A teoria depois da prática

O processo de implantação do NEHM Jr. se deu bem antes que houvesse um aprofundamento nas discussões teóricas sobre a educação científica. Assim, discutirei aqui, as reflexões que tenho feito à luz da revisão de literatura sobre educação científica, seus conceitos fundamentais e sobre inclusão da Pesquisa Histórica como integrante do processo de aprendizagem dos indivíduos que estudam na Educação Básica. Vale a ressalva de que no Brasil as atividades de Iniciação Científica na Educação Básica, voltada para a pesquisa em ciências humanas e à história em particular acontecem em número diminuto.

Pedro Demo (2010) nos traz algumas características que a educação científica, como princípio educativo, pode legar aos sujeitos envolvidos nesse processo: realiza um apelo formativo, pois educa o estudante, enquanto se produz conhecimento; colabora no plano de forma, pois trabalha com a argumentação científica; gera a politicidade do conhecimento, do poder; promove uma cidadania mais efetiva, ou seja, aquela que sabe pensar, baseado na produção e uso inteligente do conhecimento. O autor afirma ainda, que produzir conhecimento pode ser exercício educativo, quando se conjugam método e cidadania. A qualidade formal da ciência seria a ordem dos meios, a qualidade política da educação e a ordem dos fins. Para se pesquisar e educar, deve-se ancorar a cidadania na pesquisa e saber lidar com a politicidade do conhecimento.

Entre as possibilidades teóricas à que tive acesso, entendo que a visão reconstrutivista da educação, defendida por Pedro Demo, é uma das que mais ajuda a pensar a pesquisa como princípio educativo em história. Nesse sentido, Ana Maria Amâncio (2001) entende que essa concepção

se refere àquela marcada pela relação de sujeitos (no caso, professor e aluno), tendo como fundamento principal o desafio de aprender a aprender no processo da pesquisa. Ela nos lembra, ainda, que na concepção reconstrutivista, tem-se como diretriz que a pessoa não produz conhecimento inteiramente novo, no sentido de uma construção nova. O conhecimento é intrinsecamente reconstruído, reelaborado, a partir de um conhecimento existente e disponível, de algo já conhecido e sobre o qual exercemos certo domínio. Essa posição não significa negar ou rejeitar, a possibilidade de que, no processo de aprendizagem, possa ocorrer a descoberta e a construção do conhecimento novo, mas que todo conhecimento, sendo historicamente construído, é passível de questionamento, de reelaboração e de reconstrução.

Nesse prisma, os alunos do NEHM Jr. são incentivados a criticar os conhecimentos que podem ser lidos nos manuais de história e confrontá-los com a realidade que os cerca em busca das similaridades e peculiaridades que podem ser evidenciados pelo processo de pesquisa, sistematização, leitura e interpretação das fontes históricas.

A fala de Caíque Alencar Carneiro, em entrevista para o jornal O Estado de São Paulo, na ocasião de sua participação da Feira Brasileira de Ciências e Engenharia (FEBRACE) ilustra bem essas questões: “A pesquisa nos colocou em contato direto com a fonte. Assim, pudemos fazer nossa própria interpretação da história.” (FEIRA de Ciências e Engenharia..., 2012). Caíque estuda o tema da escravidão em cartas de alforria, coletadas na cidade de Catu, desde o início da pesquisa, ele questionava o fato de os livros didáticos não abordarem esse tema ao discutir a questão da liberdade no Brasil do século XIX.

Seu colega de pesquisa, Ariel Gondin traz outra reflexão interessante na mesma entrevista: “Descobrimos que mais mulheres pagavam para ser alforriadas, até porque naquela época elas já trabalhavam prestando serviços externos.” (FEIRA de Ciências e Engenharia..., 2012). Após uma revisão de literatura sobre a história da escravidão no Brasil e na Bahia e de pesquisas específicas sobre alforrias no contexto regional, Ariel se deparou com a seguinte questão: no município de Catu-BA, na última década da escravidão, dentre as 57 cartas de liberdade coletadas no fórum local, as alforrias para mulheres eram em sua maioria pagas, enquanto as cartas de liberdade para os homens eram quase todas gratuitas. A partir dessa constatação, o estudante dedicou-se a formular

hipóteses e a desenvolver a sua investigação que lhe conduziram a elaborar uma interpretação inovadora e coerente para esses fatos.

Numa das apresentações das conclusões do seu trabalho de pesquisa, notei que os questionamentos foram muito importantes, não só para o desenvolvimento da pesquisa, mas também para a sua própria aprendizagem. Uma questão que lhe veio à mente ao dar entrevista para o jornal, demarcando a percepção que o aluno possui sobre o seu próprio desenvolvimento como sujeito aprendiz e como pesquisador.

De acordo com a percepção reconstrutivista, a educação é um processo dinâmico que precisa ser contínuo e instigador, tendo como suporte a noção do sujeito que se emancipa, através de sua consciência crítica, da capacidade de elaborar propostas e de criar. Essa noção traz subjacente a ideia da reconstrução, objetivando formar o sujeito capaz de compreender, de ter e de fazer história própria, participando da vida em sociedade, tendo consciência e clareza do papel a ele reservado nessa mesma sociedade (AMÂNCIO, 2001).

Moraes e Lima (2004, p. 136) se refere a esse mesmo processo como “educar pela pesquisa”. Na educação pela pesquisa, segundo ele, o professor transforma sua forma de considerar os alunos, vendo neles sujeitos autônomos, capazes de questionamento, argumentação e produção próprias. Essa relação de aproximação, durante esse processo, credencia o professor a ser o orientador e mediador do processo construtivo do aluno.

O processo da educação pela pesquisa pode ocorrer de forma individual ou grupal ou os dois ao mesmo tempo. Entretanto, percebe-se que em cada caso, os alunos desenvolvem competências distintas. O grupo é, por excelência, um local para o desenvolvimento de capacidades argumentativas orais. O diálogo crítico pode constituir-se em elemento de integração e mediação na utilização da pesquisa na Educação Básica. Ele também exercita a capacidade dos indivíduos a trabalhar o aprender uns com os outros. Já no foco do trabalho individualizado, são enfatizadas as competências de interlocução teórica e empírica, resultando em produções escritas personalizadas. Ainda nas palavras de Moraes e Lima,

A educação pela pesquisa constitui-se numa forma de socialização e construção da autonomia dos sujeitos envolvidos, garantindo-lhes um domínio qualitativo do instrumental da ciência, numa preparação para intervenções transformadoras nas realidades em que se inserem. (MORAES; LIMA, 2004, p. 137).

Em consonância com os autores citados, vejo na educação pela pesquisa uma fecunda possibilidade de transformação na vida do educando. A aplicação de tais princípios à pesquisa histórica no Ensino Médio pode legar algumas competências que evidencia a formação de um indivíduo emancipado e autônomo, com capacidades ampliadas de se posicionar, politicamente, ante a realidade social que o cerca, exercendo com mais veemência a sua cidadania nas comunidades, onde estuda/pesquisa.

É evidente que do NEHM Jr. poderão sair grandes historiadores ou sociólogos. Mas a potencialização vocacional é apenas uma das possibilidades oferecidas pela educação científica que pode ou não, se concretizar na vida dos estudantes. O que importa aqui, de fato, é a possibilidade de transpor não só a alfabetização científica desses indivíduos, mas também o seu letramento científico (SANTOS, 2007).

Embora a pesquisa histórica no Ensino Médio não seja uma prática observada na grande maioria das instituições brasileiras, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o Ensino Médio colocam de maneira clara e pertinente essa questão como prática educativa:

A aprendizagem de metodologias apropriadas para a construção do conhecimento histórico, seja no âmbito da pesquisa científica seja no do saber histórico escolar, torna-se um mecanismo essencial para que o aluno possa apropriar-se de um olhar consciente no que tange à sociedade e a si mesmo. (BRASIL, 2006, p. 72).

E continua:

É preciso deixar claro, porém, que o ensino básico não se propõe a formar “pequenos historiadores”. O que importa é que a organização dos conteúdos e a articulação das estratégias de trabalho levem em conta esses procedimentos para a produção do conhecimento histórico. Com isso, evita-se passar para o educando a falsa sensação de que os conhecimentos históricos existem de forma acabada, e assim são transmitidos. (BRASIL, 2006, p. 73).

O NEHM Jr., como proposta de ensino de história fora da sala de aula, se configura num espaço de dessacralização da visão positivista e imutável da história, ainda propagada pelo senso comum e coloca aos alunos que participam das reuniões de estudo e das pesquisas que são desenvolvidas, a possibilidade de pensar determinados temas por eles escolhidos, a partir da

variabilidade dos acontecimentos no tempo e no espaço e da construção da história de si mesmos, como sujeitos históricos e de suas comunidades. Lega assim, a possibilidade também do questionamento e da reflexão sobre os saberes históricos construídos por historiadores, observando, inclusive, as numerosas versões e interpretações sobre um mesmo acontecimento ou processo histórico.

3 Dinâmica de funcionamento do NEHM Jr.

Ao ingressar no NEHM Jr., o discente está ciente de que se trata de um espaço não formal de aprendizagem, onde não existe nota e nem avaliação, no sentido tradicional da palavra. As reuniões acontecem quinzenalmente e têm em sua pauta a discussão de conceitos básicos para a pesquisa histórica, as metodologias para a construção de projetos de pesquisa, a escolha e delimitação do tema para pesquisa, a discussão de textos básicos de teoria e conceitos aplicáveis às pesquisas e, o mais importante, a discussão das próprias pesquisas dos estudantes.

Atualmente, o NEHM Jr. conta com cerca de doze estudantes do IF Baiano - campus Catu da 1ª, 2ª e 3ª séries do Ensino Médio, divididos em quatro projetos de pesquisa, além da participação frequente de outros estudantes nas discussões. Desses, seis recebem fomento e bolsa para suas pesquisas, sendo que cinco são financiadas pela Pró-reitoria de Pesquisa do IF Baiano e um pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Tecnológico (CNPq).

As pesquisas são realizadas sempre em grupos de dois ou de três alunos que desenvolvem pesquisa de campo e leituras dirigidas em grupo, além de passarem constantemente por orientações específicas para o desenvolvimento do projeto. Os alunos são, dessa forma, estimulados a participarem de um processo de construção em grupo. Os que participaram foram submetidos a um questionário e puderam imprimir a sua visão sobre as atividades que ocorrem no NEHM Jr. Os resultados são analisados na próxima sessão deste artigo.

Em relação às suas pesquisas, os alunos são direcionados a discussões sobre a prática da pesquisa histórica. São estudados textos sobre escrita de projetos em história, momento em que se debate o caráter provisório do projeto, como proposta de pesquisa, mas também a sua essencialidade como mapa e diretriz inicial do trabalho de investigação histórica. Estabelecida essa premissa, o discente começa a se exercitar nos procedimentos próprios da história: problematização das questões propostas; de-

limitação do objeto; estudo da bibliografia produzida sobre o assunto; busca de informações; levantamento e tratamento adequado das fontes; percepção dos sujeitos históricos envolvidos (indivíduos e grupos sociais); estratégias de verificação e confirmação de hipóteses; organização dos dados coletados; refinamento dos conceitos (historicidade); proposta de explicação dos fenômenos estudados; elaboração da exposição; redação de textos. Dada a complexidade do objeto de conhecimento, é imprescindível que se incentive a prática interdisciplinar (BRASIL, 2006, p. 72).

Após discussão e construção dos projetos, os alunos são levados aos lugares de coleta de fontes de seus respectivos objetos. Posteriormente, iniciam-se os processos de sistematização e interpretação dos dados. Daí, segue-se o processo de escrita dos trabalhos de pesquisa que serão apresentados, primeiramente, nas reuniões do NEHM Jr. e, posteriormente, às instituições de fomento e eventos escolares/acadêmicos.

Os alunos do NEHM Jr. participam de várias feiras de ciências e mostra de iniciação científica e inscrevem os textos que são frutos de suas pesquisas. A condição de autor leva os alunos a discutir as questões históricas numa perspectiva mais crítica e criativa, elevando o seu potencial de análise, trocando ainda conhecimentos com outros estudantes, o que garante, além do teor interdisciplinar dos seus projetos, a ampliação de suas visões de mundo.

4 Resultados preliminares: experiências com o NEHM Jr.

Após um ano de atividades do NEHM Jr., pude chegar a alguns resultados que, julgo, são ainda iniciais, mas que já podem nortear as próximas atividades. Os pontos podem ser repensados no próximo ano e com o ingresso de novos alunos. O primeiro, diz respeito às dificuldades apresentadas pelos alunos, quando se deparam com leituras complexas e/ou longas. Para Paulo Paim, aluno da 2ª série do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, o tempo escasso é um fator complicador e está entre as principais dificuldades encontradas nas atividades de pesquisa. O estudante afirma que:

“[...] a questão de ler acima do normal, quer dizer ler bem mais que antes, e o desenvolvimento do projeto em mais ou menos um mês, ficou um pouco puxado.”

A dificuldade em ler textos extensos foi uma reclamação generalizada do grupo, que procuramos

resolver da seguinte forma: entrega de fichas com textos mais complexos e extensos; seleção de textos menos densos e mais claros, para a leitura direta dos alunos e mediação à leitura dos discentes por nível de dificuldade. Afinal, eles não estavam acostumados a textos de níveis de abstração mais aprofundados. Com o tempo, pude perceber que essas barreiras foram superadas e que os próprios alunos foram se habituando a buscar suas leituras na internet e nas bibliotecas, apresentando-as par mim, para que eu desse o meu aval. A dificuldade ainda existe, porém, agora sabemos como lidar com ela, minimizando-a.

O segundo fator que se constituiu em um obstáculo para o desenvolvimento da pesquisa, foi a escassez de tempo. Em geral, o tempo para esses alunos desenvolverem suas atividades de pesquisa é bastante limitado. Com cerca de 20 disciplinas e uma grande carga horária, o aluno mal tem tempo para as atividades ligadas à educação não formal. Lamentavelmente, esses espaços são, por vezes, lugares, onde mais eles aprendem habilidades para as quais a sala de aula não costuma dar espaço para desenvolverem. Sob esse duro paradigma, a sala de aula acaba sendo o local de uma educação instrucionista, que reproduz, não permitindo aos alunos a possibilidade de pensar e criar fora dos limites da nota e da folha de chamada. Os momentos proporcionados pela educação não formal estão livres dessa pressão e desse tradicionalismo que engessa disciplinas, como a própria História, na busca incessante pela aprovação no vestibular, por exemplo, e que tira do aluno a possibilidade de pensar a sua realidade a partir da pesquisa histórica. Não quero afirmar, com isso, que todo aluno deveria fazer pesquisa histórica, pelo contrário, acredito que todo aluno deveria participar de atividades de educação científica e/ou de educação não formal que potencializassem suas áreas de interesse e/ou desenvolvessem novas possibilidades de aprendizagem, talvez impensadas dentro da sala de aula.

Os diferentes níveis de abstração dos discentes que compõem o NEHM Jr. são uma realidade que exige muita sensibilidade do professor-orientador. Faz-se necessária muita atenção na leitura dos textos de autoria deles, nas suas apresentações e nas discussões rotineiras, para que seja estabelecido um grau compatível com os níveis de desenvolvimento de cada um. Por outro lado, o fato das pesquisas se realizarem em grupos e desses estarem em contínuo diálogo dentro das discussões quinzenais, favorece o diálogo e a troca de conhecimentos que são fundamentais a todos, inclusive ao professor-orientador, que também escreve essas linhas.

Esse é um ponto presente no depoimento do aluno Mateus Pinheiro, da 2ª série do Ensino Médio Técnico. Mateus estuda questões de gênero na formação e nos sonhos de professoras que viveram em Catu-Ba, durante a ditadura militar. Para ele, as sugestões que foram dadas pelos demais participantes do NEHM Jr. ao seu projeto foram fundamentais, não só para o desenvolvimento de sua pesquisa, como para ele, enquanto pesquisador júnior. Nesse sentido, disse: “[...] obtive valiosas sugestões [...]”, afirma ele, completando: “[...] essa coligação fortaleceu cada um dos trabalhos do grupo [...]”. Mas destaca que os estudos sobre teoria de gênero e história das mulheres, que, em princípio eram suas maiores dificuldades, hoje são um dos pontos fortes do projeto. O depoimento, a seguir, foi um dos mais surpreendentes, justamente por catalisar alguns dos principais objetivos do NEHM Jr.:

A partir das discussões do NEHM Jr. comecei a refletir um pouco mais sobre os acontecimentos históricos e contemporâneos, tendo um maior discernimento sobre as informações veiculadas na mídia, conseguindo de uma certa forma filtrar informações.

Como estudante, passei a ter uma maior desenvoltura na fala e na escrita, conseqüências das discussões e leituras promovidas pelo NEHM Jr., além de perceber a importância da fonte histórica para a busca da verdade ocorrida no fato histórico. Pude também aprender os métodos e conceitos da educação científica, podendo contribuir para a construção do conhecimento.

Com a apreciação da importância da fonte, guardo hoje vários papéis relativos à minha vida escolar e também escrevo alguns textos sobre a situação de Catu, da Bahia, do Brasil e do mundo. Quem sabe alguém daqui a 50 anos queira fazer uma pesquisa sobre a era Gilcina [atual prefeita de Catu] ou sobre o impacto da era Lula-Dilma em Catu: quero que este historiador ache todo o material necessário a sua empreitada como eu encontrei.

Uma das parceiras de Mateus no Projeto “Sonhos-cor-de-rosa-choque” é Ariane Correia, também aluna da 3ª série do Curso Técnico em Agropecuária. Ariane recebeu recentemente uma bolsa de IC Jr. como premiação do CNPq, por tirar o primeiro lugar numa mostra de iniciação científica aqui na Bahia. Ariane deu o seguinte depoimento em relação a seu trabalho no NEHM Jr.:

Eu adquiri mais qualidade, como estudante. Aprendi a ter mais responsabilidade, compromisso, senso crítico, melhorei as habilidades de dis-

cussão e interpretação de um fato, além de relacionar de certa forma o conteúdo das discussões, realizadas nas reuniões com o cotidiano estudantil. Sendo assim, minha participação no NEHM Jr. só veio acrescentar em meu perfil como aluna.

5 Conclusão

Embora os resultados do primeiro ano de atividades do NEHM Jr. sejam relativamente satisfatórios, não podemos deixar de mencionar que existem várias dificuldades: o tempo dos alunos é escasso, a carga horária deles é muito alta, não existe uma cultura de pesquisa em Iniciação Científica Jr. na área de história, aqui no campus, os alunos não estão acostumados a uma carga maior de leituras; existem, no meio do percurso, algumas dificuldades de relacionar e articular fontes, revisão bibliográfica e teoria.

No entanto, entendo que a função da educação científica é justamente contribuir para derubar essas barreiras e as dificuldades devem ser transpostas no dia a dia de pesquisa. Como coordenador do NEHM Jr. e orientador dos projetos desses adolescentes, eu tenho uma avaliação promissora a fazer: eles já leem mais, discutem mais, problematizam mais, escrevem mais e, agora, são pesquisadores e não apenas alunos. Essas práticas irão contribuir inexoravelmente para sua formação, enquanto profissionais, cidadãos e pessoas de bem.

Referências

- AMÂNCIO, A. M. **Inserção e atuação de jovens estudantes no ambiente científico:** interação entre ensino e pesquisa. 2001. Tese (Doutorado em Saúde Pública). Fundação Oswaldo Cruz, Fio Cruz, Rio de Janeiro, 2001.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio:** Ciências Humanas e suas tecnologias. Brasília: MEC, 2006.
- DEMO, P. **Educação e alfabetização científica.** Campinas: Papyrus, 2010.
- FEIRA de Ciências e Engenharia reúne 325 projetos na USP. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 14 mar. 2012. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,feira-de-ciencias-e-engenharia-reune-325-projetos-na-usp,847983,0.htm>>. Acesso em: 15 mar. 2012.
- GATTI, B. A. Implicações e perspectivas da educação no Brasil contemporâneo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 113, p. 65-81, jul. 2001.
- MORAES, R. de; LIMA, W. M. do R. (Orgs.). **A pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos.** 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- SANTOS, W. L. P. dos. Educação científica na perspectiva de letramento como prática social: funções, princípios e desafios. **Revista Brasileira de Educação.** [online], v. 12, n. 36, p. 474-492, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n36/a07v1236.pdf>>. Acesso: 08 set. 2011.

